

PERANTE ALLAN KARDEC

Disse o Cristo: “Há muitas moradas na casa do Pai.”

Sem Allan Kardec não perceberíamos que o Mestre relaciona os mundos que enxameiam na imensidade cósmica, a valerem por escolas de experiência, nos objetivos da ascensão espiritual.

Disse o Cristo: “Necessário é nascer de novo.”

Sem Allan Kardec, não saberíamos que o Sublime Instrutor não se refere à mudança íntima da criatura, nos grandes momentos da curta existência física, e sim à lei da reencarnação.

Disse o Cristo: “Se a tua mão te escandalizar corta-a; ser-te-á melhor entrar na vida aleijado que, tendo duas mãos, ires para o inferno:’

Sem Allan Kardec, não concluiríamos que o Excelso Orientador se reporta às grandes resoluções da alma culpada, antes do renascimento no berço humano com vistas à regeneração necessária, de modo a não tombar no sofrimento maior em regiões inferiores ao planeta terrestre.

Disse o Cristo: “Quem vier a mim e não deixar pai e mãe, filhos e irmãos, não pode ser meu discípulo.”

Sem Allan Kardec, não reconheceríamos que o Divino Benfeitor não nos solicita a deserção dos compromissos para com os entes amados e sim nos convida a renunciar ao prazer de sermos entendidos e seguidos por eles, de imediato sustentando, ainda, a obrigação de compreendê-los e servi-los por nossa vez.

Disse o Cristo: “Perdoai não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.”

Sem Allan Kardec, não aprenderíamos que o Mestre não nos inclina à falsa superioridade daqueles que anelam o reino dos céus tão somente para si próprios, e sim nos faz sentir que o perdão é dever puro e simples, a fim de não cairmos indefinidamente nas grilhetas do mal.

Disse o Cristo: “Conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres.”

Sem Allan Kardec, desconheceríamos que o raciocínio não pode ser alienado em assuntos da fé e que a religião deve ser sentida e praticada, estudada e pesquisada, para que não venhamos a converter o Evangelho em museu de fanatismo e superstição.

Cristo revela. Kardec descortina.

Diante, assim, do Três de Outubro que nos recorda o natalício do Codificador, enderecemos a ele, onde estiver, o nosso preito de reconhecimento e de amor porquanto todos encontramos em Allan Kardec o inolvidável paladino de nossa libertação.

Emmanuel
A EQUIPE

SÉRIE ENCONTRO COM CHICO E DIVALDO

XI - JESUS

O maior dentre os guias da Humanidade. Não fossem as atrocidades cometidas em seu nome e de sua causa, talvez conseguisse influenciar um número maior de pessoas. Trata-se de Jesus.

E, é sobre ele que Chico Xavier e Divaldo Pereira Franco falam na penúltima parte desta série.

Sobre a natureza e a evolução do Espírito de Cristo: Ele ascendeu pela escala evolutiva normal em outros mundos, ou foi criado Espírito puro?

Chico Xavier - Sempre que indagamos sobre isso aos Amigos Espirituais, não sei se por reverência ou se eles consideram oportuno adiar para nós o total conhecimento da Verdade, informam nossos Benfeitores que o Espírito de Jesus Cristo lhes surgiu tão imensamente alto nos valores de evolução e sublimação que, quando acordados para a Verdade, não conseguem falar a respeito do Senhor senão com um apreço que se avizinha do deslumbramento. Algo parecido com aquilo que sente a criança num curso primário de instrução ao tomar contato com um professor da mais elevada expressão no terreno da cultura e do sentimento. Saberão falar de Cristo, diz-nos Emmanuel, mas quando conquistarem a lente espiritual adequada à compreensão ou maturidade de que necessitam para isso. Até que o consigam, sentem-se os Amigos da Vida Maior, perante o Cristo, como quem se vê iluminado por uma luz forte demais para ser analisada sem os instrumentos precisos.

Pode dizer-nos algo acerca da verdadeira natureza de Cristo, da Sua provável jornada evolutiva?

Divaldo - Sendo Jesus o Construtor do nosso orbe, nossa percepção ainda não está apta a compreender o modo como se processou a evolução de Seu santificado

Espírito. Quando inquiridos sobre a verdadeira natureza de Jesus, os Espíritos Superiores dizem que tudo o que Ele nos ensinou pelo exemplo e pela palavra, em nome do Pai, é uma convocação para que O imitemos no exercício do amor e na prática do Bem, que é o que mais importa em nosso atual estágio evolutivo.

Qual a importância do Evangelho de Jesus para a Humanidade?

Chico Xavier - Creio que a importância do Evangelho de Jesus, em nossa evolução espiritual, é semelhante à importância do Sol na sustentação de nossa vida física.

Qual a importância de Jesus na vida do Espírita?

Divaldo — A maior que se imagina. Em “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, na pergunta 625, Allan Kardec inquiriu aos Benfeitores Espirituais: **“Qual o Ser mais perfeito que Deus nos ofereceu para servir de modelo e guia?”** A resposta é uma síntese dentre as mais precisas de toda a Doutrina Espírita: **“Jesus”**.

“Jesus, para nós, é o Ser mais perfeito de que se teve conhecimento na Terra. Acima dEle só o Pai Celestial. Ele constitui para nós o exemplo e o guia, a Quem amamos com extremos de devotamento e, se necessário, entregamos a própria vida., porque Ele representa a síntese de todas as virtudes, de todas as perfeições que nos são dadas entender, na nossa limitada capacidade intelectual.

Seguir-lhe as pegadas é-nos um dever imediato, condição “sine qua non” para que nos integremos no espírito da nossa Doutrina.”

“A presença física de Jesus foi regional, mas a sua presença espiritual espalhou-se por todo o orbe, apesar de muitos terem compreendido ainda. Chico, é possível ao homem comum no trabalho silencioso do Bem, no lugar em que Deus o situou, colaborar de maneira positiva para que a Paz se efetue entre os povos?”

Chico Xavier - Considero que a presença de Jesus, na Terra, se reveste de tamanho brilho, que a nós outros, os cristãos das várias interpretações do Evangelho, compete a obrigação de espalhar-se a divina luz, entre as criaturas, seja qual for o lugar onde estivermos, compreendendo ainda, de minha parte, que deve ser para nós uma grande alegria a possibilidade de apagar-nos, a fim de que a luz do Senhor possa resplender, em favor de todos, sem nos esquecermos de que Ele é chamado por todos os povos de Príncipe da Paz.”

Gostariamos de saber: Allan Kardec é mais do que Jesus Cristo? Na sua opinião, os Espíritos são mais beneméritos e esclarecedores do que Cristo? O senhor, que é fiel à Doutrina Espírita, nos diga então, além do “amais uns aos outros” o que o Espiritismo respeita dos ensinamentos e da figura de Cristo?

Divaldo - Em “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, página 298, na pergunta 625, Allan Kardec inquiriu aos Mensageiros Superiores: “Qual o Espírito mais perfeito concedido por Deus para nos servir de modelo e guia?” E a resposta foi: “Jesus”. Allan Kardec, imediatamente entretence comentários nos

quais diz:

“Para a criatura humana o Ser mais evoluído foi Jesus; por que Ele sintetizava todas as perfeições.. .“

Depreende-se, pela linguagem óbvia, que Allan Kardec considerava Jesus, como todos nós o fazemos, como o Excelente Filho de Deus, o Supremo Governador da Terra, o “Espírito mais perfeito” que jamais esteve no Planeta, colocando-se pois, e portanto, em plano mui secundário. Posteriormente, conforme se lê em “**OBRAS POSTUMAS**”, quando da revelação da missão que lhe estava destinada, Allan Kardec perguntou ao Espírito de Verdade: “E se eu fracassar?” A resposta foi incisiva e concisa: “Outro te substituirá”, deixando transparecer que Allan Kardec era um Espírito normal, dotado de uma tarefa na Terra. Além disso, Allan Kardec não pretendeu dizer mais do que Jesus; procurou, sim, atualizar em linguagem compatível com a ciência, o que Jesus havia dito de forma parabólica, segundo a mentalidade da época. Sabemos que o dialeto falado por Ele era o arameu, um dialeto restrito de vocábulos. Os vocábulos, segundo os historiadores não chegavam a número expressivo. Verificamos, na língua portuguesa, por exemplo, que somente os verbos da primeira conjugação chegam a vinte mil, o da segunda a aproximadamente dez mil, os da terceira conjugação a cinco mil e os da quarta a sessenta e oito, derivados do verbo pôr... Ora, a língua falada por Jesus era simples fazendo-se necessário que algo, que alguém viesse desdobrar suas lições mais tarde. Porém, Allan Kardec, a seu turno, não disse a última palavra. Ele teve a nobreza de reconhecer as suas condições humanas e foi taxativo, quando asseverou: “**O Espiritismo acompanha o que a ciência informa. Se a ciência provar que o Espiritismo está errado num ponto, nós abandonaremos**

COMUNICAÇÃO

este ponto e seguiremos a ciência". É de uma clareza meridiana, ensejando-nos que a relevação é contínua.

Conte-me uma coisa: existirá significado especial no nome de Jesus - você poderia citar, para todos nós, um fato pessoal do seu conhecimento?

Chico Xavier - Eu peço licença para contar alguma coisa a respeito. Aí por volta de 1953 até 1959, quando mudamos para Uberaba, nós sempre, desde muitos anos, fazíamos assistência, uma assistência carinhosa de levar uma oração ou a expressão de fraternidade a doentes, a necessitados, quando uma senhora nos pediu para visitar a irmã dela que tinha se tornado hemiplégica e muda. A moça tinha uns 40 anos, chamava-se Valéria. Então, fomos a primeira vez; nós fazíamos sempre aos sábados nossas visitas. Íamos visitar Valéria, levávamos um pedaço de bolo, algumas balas, isto que se dá a uma criança, porque a gente não podia fazer mais, mas visitávamos Valéria com muito carinho; eram diversas casas e ela, Valéria, estava numa delas. A irmã dela chamava-se D. Laura. Num sábado, eu fazia a prece; no outro sábado, outro amigo fazia a prece; no outro, uma senhora fazia a prece, e, assim, estávamos há uns seis anos, quando Valéria foi acometida por uma gripe pneumônica muito séria e D. Laura chamou um médico que avisou que ela estava às portas de uma pneumonia que se manifestou.

Todas as vezes que nós íamos, eu falava:

— Valéria, agora você fala Deus! (Ela lutava muito para falar, porque ela entendia tudo, mas não conseguia.)

Eu falava assim:

— Jesus, Valéria!

Ela fazia força, mas a língua enrolava e ela não conseguia. Isso se repetiu mais de seis anos, mas neste sábado, eu falei:

— D. Laura, ela está com febre muito alta, o que diz o médico?

— Bem, o médico que a está tratando já deu bastante antibiótico e ela está bem medicada. E eu falei assim: — Está bem, agora, ao invés de irmos aos sábados, viremos todos os dias.

E ela sempre piorando. Então, num sábado, no último sábado, depois que fizemos a prece, eu falei:

— Valéria, fala Jesus, fala Deus!

E ela: à, à, ã, ã, ã, mas não falava. Eu falei:

— Valéria, Jesus andou no mundo, curou tanta gente, tantos iam buscá-lo nas estradas, na casa onde ele permanecia, e pediam a ele a graça da melhora, da cura, e foram curados.

— Lembra de Jesus andando e você caminhando, embora você não esteja caminhando há tantos anos, lembre de você caminhando e chegando aos pés dele e dizendo:

— Jesus! Fale Jesus! Aí ela falou:

— Josusu, Josusu!

Eu falei:

— Meu Deus, mas que alegria, Valéria falou o nome de Jesus, que coisa maravilhosa! D. Laura, venha cá para a senhora ver!

Ela com muita febre, mas ficou satisfeita falando:

— Josusu! Josusu! E não me esqueço daquele nome vibrando nos meus ouvidos.

Eu falei:

— Ela vai melhorar, ela está falando Jesus, D. Laura.

Nós todos muito alegres, ela sorrindo, mas desinteressada do bo lo que tínhamos levado, a febre muito alta. Eu falei:

— Valéria, repete, eu estou tão interessado de ver você falar o nome de Jesus. Fale Jesus, Jesus! Ela falou:

— Josusu, Josusu!

Mas dando todas as forças. Aí, eu falei:

— Se Deus quiser, ela está muito melhor. Mas, no outro dia de manhã, chegou a notícia de D. Laura de que Valéna tinha falecido, tinha desencarnado. Fomos para lá, e tal, e lembramos muito aquela amiga que estava partindo.

Comoveu-nos muito e sofremos bastante, porque ela era muito, era muito querida, uma criatura que não falava, mas tinha gestos extraordinários.

Os anos rolaram, eu mudei para Uberaba e, em 76, fui vítima de um enfarte, que me hospitalizou em casa. Disse-me o médico assim:

— Não, você pode conturbar o ambiente do hospital com visitas, é melhor você ficar hospitalizado em casa, a porta do quarto ficará com acesso apenas a esta senhora que é enfermeira. É uma senhora que está conosco de nome D. Dinorá Fabiano. Então, D. Dinorá era a única pessoa que entrava, para eu ficar 20 dias mais ou menos imóvel, mas isso não impedia que os espíritos me visitassem e, então, muitos amigos desencarnados de Pedro Leopoldo, de Uberaba, entravam assim à tarde ou à noite e eu conversava em voz alta.

E eu falei:

— D. Dinorá, quando a senhora me encontrar falando sozinho, a senhora não se impressione, eu estou conversando com alguém. Ela falou:

— Não, eu compreendo, eu compreendo. Ficou naquilo, não é? E uma tarde entrou uma moça muito bonita (no quarto havia sempre uma cadeira perto da cama). Ela entrou, eu falei em voz alta:

— Pode fazer o favor de sentar. Ela falou:

— Você não está me conhecendo? Eu falei:

— Olha, a senhora vai me perdoar, eu tenho andado doente com problemas circulatórios, e eu estou com a memória estragada e não

estou me lembrando. Mas era uma desculpa, era porque eu não estava reconhecendo mesmo. Então, ela falou assim:

— Mas nós somos amigos, quero tão bem a você.

Era uma moça morena, muito bonita aí falei:

— Olha, não posso assim de momento fazer muito esforço de memória, porque o médico me recomendou repouso mental. Minha senhora, faça o favor de dizer o nome. Ela falou assim:

— Não, eu não vou dizer, eu quero ver se você lembra, eu sou uma de suas amigas de Pedro Leopoldo. Eu falei assim:

— Então, a senhora pode falar; se a senhora falar Maria ou Alice, eu conheço tantas. Então fale o sobrenome da família, porque pela família eu vou saber.

Ela falou assim:

— Não, eu não vou falar, eu vou falar um nome só; quando eu falar, você vai lembrar quem é que eu sou.

Eu falei:

— Então, a senhora faz o favor, fala o nome, o nome que a senhora quer falar e ela foi e falou assim:

— Josusu!

Eu falei:

— Meu Deus, é a Valéria! Meu Deus, Valéria, como você está bonita! Eu não mereço a sua visita.

Ela disse:

— Mas eu vim lembrar os nossos sábados, em que nós orávamos tanto. Eu lembrei da última palavra e eu vim te trazer confiança em Jesus. (*Chico relata o episódio muito emocionado*).

Pôs a mão no meu peito e a dor desapareceu. Então, isso para mim, eu acho que o nome de Jesus é tão grande, é tão grande que remove os nossos obstáculos orgânicos.

Celso Martins é um dos produtivos autores espíritas encarnados. Seus trabalhos superam algumas dezenas de títulos abordando com muita sobriedade e propriedade temas sempre atuais. Neste número, alguns apontamentos compilados pelo escritor.

1) “A intervenção dos Espíritos elevados nas sessões mediúnicas está na dependência estreita do grau moral dos assistentes. Um nível espiritual mais elevado nas mensagens mediúnicas se encontra, não raro, com o melhoramento moral das pessoas do nosso plano, porque é lógico pensar que as respostas aos chamados de cá se dão por entidades que têm afinidades com os assistentes às sessões. Será, com efeito, sempre verdade que um filósofo dará preferência a conversar com outros filósofos em vez de fazê-lo com ébrios.

Fonte: Remo Redi em *Forces Spirituelles*, publicação de Arras, França, edição de abril-maio de 1969.

2) Nosso futuro está em nossas mãos e as nossas facilidades para o Bem se acrescentam na razão direta dos nossos esforços para realizá-lo. Toda vida nobre é pura, toda missão superior é o resultado de um imenso passado de lutas, de quedas, de vitórias entrelaçados sobre si mesmo, o coroamento de longos anos recolhidos, a acumulação dos frutos da ciência e dos anos recolhidos um a um no curso das idades. Cada faculdade brilhante, cada virtude sólida necessitou de múltiplas existências de trabalho obscuro, de combates violentos entre o espírito e a carne, a paixão e o dever. Para chegar ao talento, ao gênio, o pensamento tem de amadurecer lentamente através dos séculos. Fonte: Oscar Alírio Moreno em *La Conciencia*, revista de Buenos Aires, Argentina, edição de julho a setembro de 1971.

3) O movimento espírita precisa de idealismo.

Sim, de verdadeiros idealistas, porque uma coisa é aceitar a comunicação dos Espíritos como fato comprovado, ou freqüentar reuniões espíritas e outra coisa bem diferente é viver o Espiritismo como ideal. Nem todos os que aderem às idéias espíritas, por este ou aquele motivo, são capazes de vencer as comodidades ou as conveniências em benefício da Causa. Há muita gente, por exemplo, que poderia fazer muito na seara espírita, porque tem capacidade, conhece muito bem a Doutrina, dispõe de certos meios de ação. Mas não tem o ardor necessário para assumir uma posição de responsabilidade ostensiva em nosso movimento.

Fonte: Deolindo Amorim em *O Semeador*, jornal da Federação Espírita do Estado de São Paulo, edição de julho de 1972.

4) Muitos pensam que o mediunismo seja sinônimo de Espiritismo. É certo que o intercâmbio com os desencarnados é fundamental em Doutrina Espírita, pois, foi através da comunicação com os chamados mortos que Kardec conseguiu dar ao nosso entendimento a compreensão de como é a vida do outro lado da própria vida. Porém, faz-se necessário entender que mediunidade não é o mesmo que Espiritismo.

Fonte: Maria E. Iizabeth em *Rio Verde Espírita*, jornal de Rio Verde, Goiás, em sua edição de agosto de 1972.

5) Desde 1938 que a teoria de Holmberg tinha localizado 60 planetas em volta das estrelas, além do Sol. Mac Gowan chegou à conclusão de que 67 das estrelas de nossa galáxia são dotadas de planetas; 67% significa 130 bilhões, número colossal, praticamente infinito

à nossa escala — mais de uma centena de bilhões. Se é assim, esta nossa galáxia está repleta de vida.

Fonte: Louis Pawels e Jacques Bergier em Planeta, n.º 1 Ano 1, setembro de 1972.

6) Muitos pensam que a Doutrina Espírita é um meio para se curarem de suas enfermidades e por isso a procuram. Outros, por terem informações de estarem obediados, procuram-na para que fiquem livres do Espírito obsessor. Doutrina Espírita não dá cura de nenhuma enfermidade, como também não nos livra de nenhum obsessor. Ela nos mostra, isto sim, a causa das nossas dores, tanto quanto a causa das nossas obsessões, ensinando-nos que se nos moralizarmos acima do nível vibratório dos obsessores, eles não poderão atingir-nos, e que os nossos sofrimentos nada mais são do que reflexo de um passado cheio de erros e de maldades das mais horrendas e varia das, cabendo assim a cada um de nós pagar ou responder por este negro pretérito.

Fonte: José Floro em A Nova Era, jornal de Franca, São Paulo, edição de setembro de 1972.

7) Constantemente estamos usando a palavra caridade. A maioria dos homens porém está muito imperfeita, ainda, para entender o seu significado completo ou então, para praticar o que o vocábulo determina. Fazer caridade não é só dar esmolas. Nem sempre isso resolve. Há necessidade de elevarmos nosso espírito até Deus, educando os sentimentos e levando generosidade aos nossos corações. Caridade é benevolência, é amor ao próximo, é espalhar benefícios. Há indivíduos com o título de caridosos e que, na verdade não o são. Fazer injustiça, guardar rancor, falar mal da vida alheia, ter orgulho e vaidades tolas, tudo isso é falta de caridade.

Fonte: Kléber Rocha em seu livro Folhas ao Vento.

8) Há, já neste mundo de Cristo, um número

verdadeiramente grande de homens que sabem dizer frases bonitas. Necessitamos agora de pessoas decentes e sensatas, que saibam produzir boas ações. Falar muito é coisa de pouca monta. O importante é obrar bem. O progresso do mundo decorre das ações que praticamos, e não das palavras que pronunciamos, ainda que essas palavras sejam ditas com a melhor das boas intenções. Muitos homens há que são bem intencionados e, no entanto, só produzem o mal.

Fonte: Isaú Almeida Lola em seu livro Lampejos Literários.

9) O nascimento de Jesus ocorreu da mesma forma que ocorrem todos os nascimentos neste planeta, tendo sido o produto do casamento de José com Maria, podendo-se contudo dizer que nasceu de uma virgem, pois virgem era sua jovem genitora quando se consorciou com José. O fato de o Mestre ter reencarnado através do mecanismo sexual comum não é desdouro algum, dado que o sexo não é um mecanismo aviltante, mas sim a porta abençoada por onde as almas fazem ingresso na carne, para cumprimento do programa divino. As humanas criaturas, no escrupulosamente respeitadas.

Fonte: Isaac Marques em Fraternidade, revista de Lisboa, Portugal, edição de junho de 1972.

10) Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não faz aquele que a tem se torne melhor... Mais benigno e indulgente para com os seus semelhantes... Mais humilde e mais paciente na adversidade? De que vale ao avarento ser espírita, se continua avarento? Ao orgulhoso, se se conserva cheio de si? Ao invejoso, se permanece dominado pela inveja? Assim, poderiam todos os homens acreditar nas manifestações espíritas e a Humanidade permanecer estacionária.

Fonte: Allan Kardec em O LIVRO DOS MÉDIUNS, edição da FEB.

FONTE

NAROTADO ANO 2000, por Celso Martins e Antonio F. Rodrigues, ed. ABC DO INTERIOR

DEPRESSÃO: VONTADE E CURA

Walter Barcellos

Qualquer criatura poderá experimentar a emotividade depressiva mais ou menos acentuada nas sutis engrenagens da alma. Dependendo de sua força de vontade, poderá sair desse drama com certo esforço, mas, pela ausência de decisão, poderá atolar nas emoções e pensamentos negativos. A cura desejada dependerá não somente do exclusivo uso de medicamentos laboratoriais, porém da energia da vontade iluminada que brota das profundezas - do coração vinculado à fé ativa e dinâmica. A depressão é doença de sintomatologia complexa no corpo e na alma humana: disfunções no organismo físico, problemas no sistema nervoso, transtornos na área psicológica, apatia no campo das emoções, anulação da vontade para trabalhar e viver, entorpecimento das energias da alma, medo de enfrentamento das próprias dificuldades íntimas. É estado íntimo de intensa tristeza, apatia, desânimo, melancolia, tudo acontece sem uma razão explicável que se instala por períodos variáveis em cada pessoa. Carrega enorme carga energética de angústia continuada e, com baixa auto-estima, passa a desvalorizar-se, não tem ânimo para as ocupações corriqueiras, perde o amor e entusiasmo pelas coisas boas que executava e produzia na vida.

Doença da alma

Tais estados íntimos depressivos comprometem a vida pessoal, afetiva, conjugal, familiar e profissional, trazendo enormes prejuízos para a pessoa enferma.

Alma gravemente debilitada pela ausência da fé viva, vazia de fortaleza moral, mendiga de valores espirituais, sofre precariedade das energias do bom ânimo e acusa deficiência no exercício da Espiritualidade Superior. É alguém que escolheu a descrença ao invés da crença superior, o medo ao invés da coragem moral, a incerteza ao invés da confiança em Deus, a tristeza ao invés da alegria cristã, o pessimismo ao invés do otimismo construtivo, o desânimo ao invés da esperança operosa. A fiel e segura diagnose do doente depressivo deverá ser muito mais na alma do que no corpo físico. A alma

— grande desconhecida — está muito mais enferma que o organismo fisiológico. As energias psíquicas estão cansadas, desgastadas, perturbadas, intoxicadas e desarmônicas, causando transtornos profundos ao complexo mundo da mente, na

organização sutil do corpo espiritual, nos centros de energias perispirituais e no delicado sistema nervoso central, desarranjando todas as funções do complexo espírito-mente-perisprito-corpo.

Ouvir Jesus

As energias do desejo e da vontade estão confusas e destrambelhadas, sem rumo, sem direção, sem decisão, sem ideal. Encontram-se carentes das boas energias da fé viva, do bom ânimo, da coragem, da alegria e satisfação íntima em tudo que executam na vida.

Quem experimenta sintomas tormentosos na organização complexa da mente, transformada em masmorra sombria, repleta de angústia, indecisão e desespero, antes de qualquer medicação farmacológica, precisa aprender a ouvir com as fibras mais sensíveis do coração confiante e esperançoso o convite amoroso de Jesus - o Divino Médico das Almas: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso de coração; e encontrareis descanso

so para as vossas almas". (Mateus, 11:28-29).

Ouvir com o coração o convite do Bom Mestre, despendendo mais interesse, mais atenção e mais sinceridade. Caminhar resolutivo na experiência pessoal com Jesus! Uma nova vida — bela, iluminada e saudável —, apresenta-se à sua frente, necessitando de sua vontade firme e determinada para a conquista de valores do espírito, em demanda da verdadeira saúde íntima. Levantar-se do sepulcro da descrença, tal como o jovem Lázaro um dia obedeceu à imperiosa ordem do Senhor, abandonando a solidão e a escuridão íntima, recuperando a saúde nas engrenagens sensíveis da mente e do coração.

Medicamentos do Evangelho

Estimado irmão com sintomas depressivos, cuide com desvelo e respeito dos processos de cura no uso moderado de medicamentos farmacêuticos, das terapias alternativas e das consultas demoradas a consultórios de psiquiatras e psicanalistas. Faça esforço de concentração mental e coloque Jesus no centro de sua alma, no cerne de seu coração, no altar de sua consciência, nos processos profundos de seus pensamentos. Deixe o Divino Médico agitar, dinamizar e trabalhar as energias de seu coração sofredor com os recursos psicoterápicos e medicamentos os da crença positiva em Deus, a fé ilu minada, o amor a tudo e a todos, a humildade de coração, a submissão à vontade de Deus, os pequeninos atos de bondade, ser voluntário nos trabalhos de assistência aos mais sofredores, a prece sentida repletando a alma de energias novas, o passe magnético restaurador, a luz da esperança na rénovação das forças interiores, a confiança plena na Bondade Divina, a leitura educativa dos textos evangélicos, a meditação salutar, o perdão incondicional aos adversários, a paciência que tudo suporta, a compreensão com os

familiares, a aceitação abençoada da dor, o amor à vida, apesar do acúmulo de provações e dificuldades, ser grato todos dias ao amor de Deus... Desenvolver com paciência esclarecida as riquezas do Evangelho no íntimo, não desanimando jamais no estudo e aprendizado, corrigenda e reeducação de nossos sentimentos problemáticos.

Curaram a si mesmos

Os sintomas psíquicos e emocionais tor turantes que afligem as almas no século XXI não são diferentes das experimentadas pelas famosas personagens de há dois mil anos nos textos evangélicos: Maria de Magdala — as tentações da viciação sexual, Saulo de Tarso — o doloroso remorso pelos seus crimes de fanatismo religioso e Simão Pedro — o traumático remorso de negar Jesus por três vezes. Essas criaturas passaram por verdadeiros vulcões de aflições, lutas e dores para aceitar e aprender, superar e regenerar, trabalhar e seguir o amor de Jesus Cristo! Não conseguiram nada sem esforço, sem luta e sem dedicação para as conquistas internas. Não foram simplesmente alunos-ouvintes e crentes-fascinados pela extraordinária personalidade do Mestre: foram criaturas decididas que medicaram a si mesmas com as indicações curativas do Evangelho de Redenção! Cada criatura em processo depressivo precisa mirar-se nesses belos exemplos de superação e vitória sobre si mesmos para seguir com decisão no trabalho disciplinado e perseverante de auto-cura, seguindo os processos cirúrgicos de reeducação da alma, assimilando as verdades do Evangelho com vontade firme, constante e corajosa. Jesus ensinava e atendia com profunda calma, introjetando energias puras e salutareas na organização espiritual dos corações atormentados que lhe buscavam aflitas o socorro tão desejado e esperado: *"Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom*

ânimo; eu venci o mundo". (João, 16:33)
 Ouçamos com o coração sensibilizado, sintonizemos com a consciência iluminada, aprendamos com o raciocínio elevado e caminhemos atendendo os preceitos libertadores e ou de Seu Evangelho.

Mantenhamos a vitoriosa paciência e a luminosa esperança de que a cura da alma se processa de forma progressiva e lenta, quando obedientes às doses medicamentosas dos ensinamentos de Jesus.

FORTE
 A FLAMA ESPÍRITA

EMMANUEL E A CIÊNCIA DO ESPÍRITO

“Por mais dura seja a estrada, aprende a sorrir e a abençoar, para que a alegria siga adiante, incentivando os corações as mãos que operam a expansão da Bondade Infinita.”

*“Não nos detenhamos em frases choramingueiras, perdendo mais tempo sobre o tempo perdido. Reconheçamos com o Apóstolo que “o tempo sobremodo oportuno” para a salvação ou, melhor, para a corrigenda de nossos erros é aproveitamento da nossa vida, chama-se **agora**.”*

FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE “INFORMAÇÃO”

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA “CASA DO CAMINHO”, Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 30,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

NOME:

ENDEREÇO:

CIDADE: **ESTADO:** **CEP:**

Nota - Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número apostado no canto superior direito da etiqueta de endereçamento.

MATERIALIZAÇÕES NO PARÁ

Conquanto já conhecidas as célebres materializações do Espírito Katie King, graças às experiências de William Crookes e Aksakof, ainda alimentávamos alguma dúvida a respeito. Imbuídos de arraigado ceticismo, somos propensos a acreditar seguramente só no que acontece às nossas vistas ou em nossas proximidades.

Há algo de lógico nisso. Até as afeições não fogem à regra, bem o diz certo provérbio: longe dos olhos, longe do coração.

Pois, a demonstrar que não há limitações geográficas para as comunicações dos Espíritos, foi-nos dado obter a prova irrefutável.

Ana Prado, esposa do guarda-livros Eurípedes Prado, de Belém do Pará, muito a contragosto e temerosa das conseqüências, viu, dum momento para outro, eclodir sua pujante mediunidade, que a ela própria e aos seus familiares deixou estarrecidos.

Os fenômenos começaram com a trivialidade dos efeitos tiptológicos (pancadas em mesas, cadeiras, etc).

Depois um álbum de fotografias mudava de posição, independentemente do concurso de entidades visíveis.

Até que um dia — precisamente a 24 de junho de 1918 — apareceu um Espírito anunciando uma surpresa para “muito breve”. Deram-lhe o nome de João, em homenagem à data. Disse depois ter-se chamado, em sua última encarnação, Felismino de Carvalho Rebelo e que fora tio da sra. Prado.

Surpresa prometida, surpresa realizada. Não tardaram a surgir, junto à médium em transe, figuras vaporosas, esbranquiçadas, numa obstinada tentativa de tomarem forma. Nebulosas aparições que, nas sessões se quintes, foram apresentando progressiva nitidez e conformação humana. Afinal, apareceu um fantasma completamente materializado, andando, falando, transportando objetos etc. Era o “João”.

Toda a capital paraense passou a interessar-se pelos inusitados acontecimentos, dos quais tinham notícia através de amigos e da imprensa. O lar do casal Prado ficou em polvorosa todos queriam presenciar os prodígios.

Sob a orientação de João (materializado), em várias oportunidades verificaram-se os extraordinários fenômenos de moldagem.

Colocados dois baldes de zinco à vista dos assistentes, um deles contendo parafina a ferver e outro cheio d'água fria, o Espírito moldava delicadas flores, bem como mãos e pés anatomicamente perfeitos. Impossível seria fraudar em tal circunstância, pois nenhum terrícola suportaria a alta temperatura da parafina. (Diga-se de passagem que o autor deste relato viu com seus próprios olhos uma dessas moldagens, em exposição na Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro).

Materializaram-se também Anita, moça de cabeleira exuberante, e um Espírito que se deu a conhecer por “O Marujo” e se trajava como marinheiro.

O maestro Ettore Bosio, fotógrafo amador, à luz de magnésium, documentou fotograficamente as moldagens e os Espíritos materializados. Deve ficar bem claro que as sessões eram realizadas debaixo de rigoroso controle e na presença de pessoas insuspeitas e incrédulas. A médium, dona Ana Prado, sofre o constrangimento de ser “enjaulada” numa grade de ferro fechada a chave e selada a fechadura. Num requinte de

escrúpulo, permitia que suas vestes fossem minuciosamente examinadas por mãos femininas.

Ocorreram, ainda, fenômenos de escrita direta (pneumatografia). Na cidade de Parintis, onde o casal Prado esteve em ligeira vilegiatura, materializou-se o espírito de um médico e realizou notável intervenção cirúrgica.

Tudo com o auxílio e sob a direção do jovial e pertinaz João. Valioso trabalho durante mais de três anos ininterruptos.

Dezenas de pessoas categorizadas dão testemunho dos fatos, valendo citar: drs. Lauro Sodré e João Coelho, ex do Pará; desembargadores Santos Estanislau, Anselmo Santiago e Napoleão Oliveira; drs. Mata Bacelar, Renato Chaves, Gurjão Sobrinho, Pontes de Carvalho, médicos; drs. Severino Silva e Morrison de Faria, advogados; coronel Apolinário Moreira; dr. Justo Chermont, senador; Kouma Hourigoutchy, diplomata japonês e dr. Gentil Norberto, engenheiro.

“Tendo o Instituto Metapsíquico aberto um inquérito a respeito dessas sessões, a ele responderam sete doutores, que afirmaram a realidade dos fenômenos obtidos no grupo Prado e em casa do compositor Bosio, onde a sra. Prado também deu algumas sessões”. (Cf. A Reencarnação — Gabriel Delanne — 1952, pág. 55).

Para pormenores, remetemos ao leitor o livro O TRABALHO DOS MORTOS, do dr. Nogueira de Faria. Descrição com riqueza de detalhes e vasta ilustração fotográfica. Ainda: Revue Metapsychique n 2, 1922 e n° 1, 1923.

O caso marcou época. Tão evidente que ninguém se atreveu a contestá-lo.

Corria o ano de 1921, quando em plena evidência os fenômenos de materialização produzidos graças à extraordinária

mediunidade da sra. Ana Prado, em Belém do Pará.

No ano anterior, a 30 de março, desencarnava no Rio de Janeiro, na exuberância de suas 21 primaveras, a senhorinha Raquel, filha do sr. Frederico Figner (chefe da Casa Edison) e sua esposa dona Ester Figner.

Inconsolados e inconformados com o traspasse, que se lhes afigurava precoce e desarrazoado, os pais da extinta jovem, crenes na sobrevivência da alma, arrosaram todos os sacrifícios para obter um comunicado de além-túmulo. Pouco proveito de tão desmesurado esforço; apenas conseguiram uma imperfeita mensagem tipológica, atribuída a Raquel. Foi quando tiveram notícia das materializações no norte do Brasil.

Não havia nenhum mal em tentar. De que não são capazes os pais extremosos?

Abalaram-se para a capital paraense e lá chegando souberam que os Prado estavam na cidade de Parintins. Estabelecidos os necessários contatos, Eurípedes e Ana Prado convieram em retornar a Belém e sem perda de tempo iniciaram os trabalhos mediúnicos visando ao fim almejado.

Em 30 de abril, realizou-se a primeira experiência, havendo se materializado o Espírito “João”. Prometeu satisfazer os desejos de Fred Figner e sua senhora. Com efeito, dias após apareceu Raquel, em consumada materialização, a demonstrar que, realmente, “a morte é a continuação da vida”.

É todo um poema de ternura o encontro de pais e filha. A penúria de espaço impedem-nos a descrição dos deliciosos lances sentimentais então desenrolados.

Demos a palavra à sra. Ester Figner:

“Surgiu, junto à cortina, uma moça, com todas as aparências e gestos de minha filha, a tal ponto que dissemos: — É Raquel! Os

PANORAMA

gestos eram todos absolutamente os de minha Raquel e mesmo o corpo, a forma, o vestidinho acima do tornozelo, de mangas curtas e um pouco decotado. Caminhou em minha direção, dizendo com uma voz fraquinha e como que chorosa: — Mãe, mãe! Verifiquei, em suma, que era minha filha”.

Doutra feita — relata a mesma senhora:

“Beijou-me muito fortemente, dando-me beijos estalados que a assistência ouvia. Apertava meu rosto contra seus lábios, tal como se aqui estivesse. Beijei-lhe as mãozinhas, toquei-lhe as unhas, verificando que estavam como as usava, pontudas e polidas”.

Dona Ester não cabia em si de contente. Havia readquirido o seu tesouro. Seu encantamento traduzia bem o pensamento de Balzac: *“O amor maternal faz-nos ver que todos os demais sentimentos são enganadores”*.

Raquel distribuía flores aos assistentes, apertava-lhes as mãos e, certa vez, moldou em parafina sua própria mão, deixando o molde de presente à mãezinha.

Os fenômenos tiveram por testemunhas,

além doutras pessoas, o maestro Bosio, dr. Mata Bacelar, dr. Pereira de Barros e dr. Nogueira de Faria, de cujo livro O TRABALHO DOS MORTOS extraímos subsídios para este trabalho. Fatos desse jaez têm-se verificado com maior freqüência do que se supõe. Ficam geralmente restritos aos meios espíritas, razão por que o grande público os ignora.

Nos tempos modernos, a Ciência vem se manifestando acerca de tais prodígios.

Materializam-se os Espíritos, utilizando o ectoplasma do médium e “outros recursos da natureza” — ao que esclarece André Luiz. Substâncias ainda pouco conhecidas, porém cujos efeitos estão por demais evidenciados. Hernani G. Andrade propõe denominações para as aludidas substâncias:

ectozooplasma — quando de proveniência animal; ectofitoplasma — quando de origem vegetal;

ectomineroplasma — quando de origem mineral ou de compostos inorgânicos, (Cf. Teoria Corpuscular do Espírito, 1958, pág. 207).

FONTE

O ESPIRITISMO EXPLICA, por Aureliano Alves Netto, ed. EDICEL

RECOMENDAÇÕES OPORTUNAS

“Cresçamos na virtude e incorporemos a verdadeira sabedoria, porque amanhã serás visitado pela mão niveladora da morte e possuirás tão somente as qualidades nobres ou aviltantes que houveres instalado em ti mesmo.”

“Busca o teu posto de serviço, sempre dignamente as tuas obrigações de cada dia e, atendendo aos deveres que o Senhor te confiou, atravessará o caminho terrestre sem furtar a ninguém.”

Emmanuel

O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

Interessar-se pelo conhecimento da Doutrina Espírita, acaba gerando no jovem perquiridor de nosso tempo, dúvidas e mais dúvidas sobre pontos que não se encontram ampla e explicitamente tratados nas obras disponíveis.

Essa a razão pela qual mantém-se este espaço de **"INFORMAÇÃO"**.

Envie para a Caixa Postal 45307/Ag. Vila Mariana/CEP 04019-970/São Paulo (SP), suas dúvidas anotadas numa folha de papel.

A partir daí, basta acompanhar as novas publicações da seção JUVENTUDE para encontrar o esclarecimento que Você procura.

SOFRIMENTO E BÊNÇÃO

Li, numa mensagem espírita, que sofrimento é bênção de Deus. Como pode o sofrimento ser uma bênção, se ele desperta revolta nas pessoas? (NIVALDO CORREIA JUNIOR – BATATAIS – SP)

Caro leitor, nem todo sofrimento desperta revolta e nem toda pessoa é revoltada porque sofre. Assim como há os insatisfeitos e revoltados, existem também os conformados e resignados. Isso depende do grau de maturidade espiritual de cada um. Às vezes, vemos pessoas que sofrem sem reclamar; de outras, pessoas que reclamam mais do que sofrem e outras que só sabem reclamar. Uma coisa é o que podemos constatar pelos nossos olhos; outra, o que realmente se passa na intimidade de cada indivíduo. O Espiritismo tem uma explicação para isso. Pessoas resignadas diante do sofrimento e da adversidade são Espíritos que, certamente, escolheram esse caminho como prova, para medirem sua capacidade de resistência ou para exercitarem paciência e fé; são Espíritos que se comprometeram a lutar por uma causa, a ajudar alguém ou a colaborar com um grupo ou com uma coletividade. Se você pesquisar a biografia dos grandes vultos da história, pessoas que trouxeram inestimável contribuição nos diversos setores da vida humana, vai constatar que a maioria delas só alcançou seus intentos com muito sofrimento; neste caso, parece que as dificuldades, que lhe foram impostas, servi-

ram como desafios para medirem sua tenacidade na luta. Por outro lado, pessoas inconformadas, revoltadas, amarguradas diante das adversidades são Espíritos que caíram nesse gênero de experiência por necessidade e não por escolha. Os resignados, com certeza, sofrem menos, porque já aprenderam a administrar seus impulsos de revolta e vêem os problemas com mais segurança e serenidade, ao passo que os revoltados sofrem mais, por se julgarem impotentes diante dos obstáculos. Ao contrário do que muita gente pode pensar, o Espiritismo não nos ensina a procurar a dor, mas a superá-la, já que, no estágio evolutivo em que nos encontramos, é impossível afastá-la definitivamente de nossa experiência. Para viver bem, precisamos aprender a diferenciar que tipo de sofrimento está ao nosso alcance afastar e qual o gênero de dor da qual ainda não podemos nos libertar. O sofrimento, que é bênção, é aquele que se torna indispensável para a nossa auto-superação, como exercício de vida. Contudo, ainda assim, ele não tem um fim em si mesmo, não é o objetivo principal da vida, mas apenas um meio, através do qual podemos desenvolver mais competência para vivermos melhor, aprendermos e progredirmos sempre.

PLANETA CHUPÃO

Quero saber o que vocês pensam sobre o planeta chupão, que está se aproximando da Terra para levar parte

JUVENTUDE

de seus habitantes... (ELEANOR MONTEIRO DE CASTRO – JUIZ DE FORA – MG)

Esse tipo de "revelação", que se propaga no meio espírita com certa facilidade, faz lembrar as revelações apocalípticas, muito próprias dos profetas visionários, que sempre se constituíram apanágio das religiões. Buscando inspiração na obra de Kardec - que é o nosso porto seguro - encontramos mil justificativas para não nos envolvermos nem tampouco nos entusiasmos com esse tipo de informação, venha de onde vier, por qualquer médium ou pelos mais renomados mentores espirituais. Toda vez que os Espíritos se envolveram com esse tipo de questão, principalmente a que se refere com vida em outros planetas e coisas tais, deram-se muito mal e até serviram de chacota aos adversários, que não entendem e nem pretendem entender as finalidades maiores da doutrina. Infelizmente há várias obras com revelações desse naipe, mais preocupadas em notoriedade e sensacionalismo do que com os valores morais do Espiritismo; essas obras se espalham facilmente pelo meio menos esclarecido doutrinariamente, despertando curiosidade e até risos e motejos. Em O LIVRO DOS MÉDIUNS, capítulo II, "Do Método", vemos Kardec muito preocupado com o desempenho nada recomendável dos "espíritas exaltados", que, já na sua época, estavam à cata de fenômenos intrigantes e de revelações espetaculosas, a fim de saírem anunciando aos quatro ventos. Na verdade, diz Kardec, esses espíritas, muito imaturos, por acreditarem em afirmações incertas e ridículas, colocam o Espiritismo na berlinda, prejudicando, muito mais do que ajudando a propagação de suas idéias e de seus ideais.

LEITURA E SONO

Toda vez que vou ler um livro espírita sinto sono e começo a bocejar; mas depois que abandono o livro percebo

que não tenho mais sono. Será que isso é devido a influência de espíritos que não querem que eu leia livro espírita? (IRILDO PEREIRA - JAÚ – SP)

Embora estejamos conscientes de que os Espíritos interagem conosco nas atividades do dia-a-dia, não é de bom senso atribuímos somente a eles tudo que nos acontece de indesejável. Os crentes costumam fazer o mesmo com o demônio, numa tentativa de tirar a responsabilidade das pessoas e convertê-las de autoras em vítimas. Portanto, cuidado!... Ler é uma atividade que, para quem não tem o costume, torna-se monótona e cansativa por exigir silêncio e concentração. A própria escola - que não consegue estimular essa prática nos alunos - deu-lhe a conotação de castigo, tornando-a enfadonha.

Assim, os estudantes também dormem sobre os livros porque, no fundo, não querem estudar, embora tenham interesse em ser aprovados. O sono passa, então, a ser uma desculpa muito bem engendrada, talvez inconsciente, para não se dedicar à atividade. Portanto, se você quiser realmente ler livros espíritas e se propuser a isso, com certeza, vai conseguir e muito bem. Não é preciso ler muito . Leia pouco, mas leia bem.

Pessoas, que não estão habituadas à leitura, devem exercitar a atividade com critério e dentro de uma dosagem adequada à sua capacidade de concentração.

Não adianta querer ler metade de um livro de uma vez, quando a sua capacidade inicial só se presta a algumas páginas por dia. Vá devagar, mas não pare.

Se você estabelecer um mínimo para ler diariamente, alcançará seu intento com relativa facilidade . Mas tenha sempre uma meta definida. Convença-se de que, primeiramente, a leitura depende de você, de sua força de vontade (e por que não dizer, da vontade de fazer força) e só, depois, de outras influências que, se porventura existirem mesmo, perderão paulatinamente seu império sobre você.

A AFETIVIDADE E A FAMÍLIA

Fazer uma análise teórica sobre a afetividade, sendo esta expressão das emoções, paixões e sentimentos dos seres humanos, é de suma importância, face aos valores eleitos por nossa atual sociedade materialista, onde campeia a dor, a insatisfação, o desagrado e a tristeza. No entanto, procuraremos neste estudo encontrar os aspectos práticos e objetivos desta nossa faculdade especial que é a afetividade, no relacionamento familiar. Observando-se a evolução do Ser humano, desde as mais remotas eras, nota-se o lento, mas crescente, desenvolvimento da afetividade na área dos sentimentos superiores. Vamos ver se conseguimos adentrar em nossos arquivos e ver como tudo começou: instintos, sensações, emoções. Retornaremos no tempo, até os primórdios da manifestação humana. Quando o racional des pontia e inicia sua ascensão, ainda havendo a dominância do instinto. Encontramo-nos, então, na época das cavernas, onde, nelas, nos abrigamos e nos protegemos das intempéries e do ataque de nossos habituais predadores. Não conhecemos e nem usamos o fogo, o metal e outros utensílios, senão a pedra lascada.

Certo dia, em uma tarde de verão, o tempo fecha, forma-se uma grande tempestade, o vento uivando, levando a poeira e balançando as árvores, e nós, como animais, procuramos abrigo e entramos em nossa caverna para nos proteger da tempestade. As nuvens se avolumaram escondendo o tórrido sol de verão. Escurece em pleno dia, dando-nos a impressão do anoitecer. Os trovões e relâmpagos se sucedem tornando ainda mais tenebroso o quadro. Encolhidos e agrupados olhávamos assustados, movidos pelo instinto de preservação de nossas vidas, aguardando que logo passasse o mau tempo quando, para nossa surpresa, uma faísca, um estrondoso raio, atinge uma velha árvore seca a nossa frente e esta incendeia-se. Pela primeira vez estamos frente a frente com o fogo, com suas belas e luminosas chamas a clarear a tão escurecida tarde. Após o espanto inicial vem a curiosidade tão presente nos animais como em todos nós, atuais habitantes das cavernas. Ah! curiosidade! quantas surpresas nos reservam... Bem, como em todo grupamento de pessoas existem curiosos, uns mais outros menos, mas todos curiosos, sendo esperada alguma mobilização. Dentre todos os presentes nesta nossa caverna, alguns se destacaram embevecidos pela luminosidade da combustão da árvore seca, e se aproximaram da entrada da caverna para observarem mais de perto.

Dentre eles, o mais curioso ou “xereta” se aproxima ainda mais do fogo e maravilhado, mas não satisfeito somente com o que o sentido da visão lhe proporcionava, estende a mão e tenta apanhar uma chama. Na entrada da caverna os demais se estreitavam. Todos atentos, observam, quando há um espanto geral, o “xereta”, nosso “xereta-mor”, sai correndo e gritando a demonstrar dores terríveis. Uma interrogação gera em todos. O que será que aconteceu a ele?

— Já sei — vocês responderiam —, ele quei mou a mão.

Mas como vocês afirmam isso? É a primeira vez que nós e nosso “xereta mor” vemos e toma mos contato com o fogo. Ora então para nós se res primitivos, habitantes das cavernas, no má ximo ficaríamos assustados. Muito bem. Tivemos uma primeira experiência com o fogo. A chuva veio e torrencialmente o apaga, e nossa velha árvore é reduzida a cinzas. O tempo passa, reiniciamos as nossas atividades cotidianas de homens das cavernas e quando já quase esque cíamos do fato uma nova tempestade se forma. Até bem mais terrível que a anterior e mais uma vez nos refugiamos em nosso abrigo, em nossa velha e protetora caverna. Relâmpagos, trovões e raios solapavam a Natureza, e assustados observávamos temerosos. Eis que um raio atinge uma árvore e esta se incendeia. Que belas chamas! Como iluminam tudo ao derre-

dor. A curiosidade nos desperta e nos aproximamos. O nosso “xereta-mor”, onde está? Bem é certo que pela experiência anterior com o fogo, se escondeu lá no fundo, atrás de todos e até a sua mão com as cicatrizes remanescentes foi protegida. Mas a curiosidade é uma força irresistível.

E um outro componente do grupo, nosso “vice xereta” entra em ação. Do mesmo modo, não satisfeito com o que o sentido da visão lhe proporcionava, tenta com a mão apanhar as chamas. Para o espanto geral a cena se repete. Nosso “vice xereta”, aos berros, corre alucinado. Nova interrogação geral??? Que será que aconteceu? Agora, vocês mais atentos responderão: — Deve ter ocorrido o mesmo que ao nosso “xereta-mor”. Certo, isso mesmo. Em todos nós, habitantes da caverna, uma primeira emoção aparece. O medo do fogo. E ao nosso “xereta-mor”? Além da emoção-medo, vendo o nosso “vice-xereta” passar pela mesma situação que passara, desperta-lhe as mesmas sensações da dor e do desconforto da queimadura, o que lhe aflora um possível sentimento em relação ao “vice-xereta”, o sentimento de dó ou pena, de vê-lo sofrer o que sofrera. Se mais evoluído fora, o nosso “xereta-mor”, outros sentimentos lhe aflorariam: o de compaixão, ou o de solidariedade: — “Estou contigo. Não temas. Isso passa. Olha minha mão, já sarou”. Se mais evoluído, movido pela caridade, socorrerianos ao “vice-xereta”, cuidando de seus ferimentos, providenciando-lhe o conforto do amparo e da assistência, movido pelos sentimentos de abnegação e benevolência prestes a demonstrar o sentimento por excelência, o amor. Bem, nesse ponto já não estaríamos na era das cavernas. Voltemos! Embrionariamente, na fase da dominância instintiva, nas manifestações sensório/afetivas buscando as agradáveis sensações do prazer dos contatos físicos das relações sexuais, o Ser humano apresenta os primeiros ensaios da vida familiar.

Nele, despertam as reações afetivas das emoções advindas do egoísmo gerado pelas leis do instinto. A raiva da não conquista do seu objeto de prazer e gozo, ou a alegria de o ter conse-

guido. A tristeza do cansaço das inúmeras tentativas frustradas. O medo de falhar nas futuras investidas.

Temos, agora, no laboratório afetivo, a presença marcante das emoções e estas despertando as paixões, que precedem os sentimentos que delas advêm.

Com o amadurecimento da razão os impulsos instintivos da afetividade passam a ser racionalizados e direcionados para os sentimentos, desta forma proporcionando condições para que as forças dos sentimentos edificantes conduzam o Ser humano, para a expressão máxima do sentimento, que é o amor.

Agora, fazendo retrospectiva de nosso século notamos períodos distintos e bem definidos no modo de expressar-se a afetividade no relacionamento familiar. Purificados nos cadinhos de nossas reinvestidas, nas sucessivas reencarnações, nas sendas do progresso e da evolução, junto aos grupos de nossas relações afetivas.

Do início do século até a segunda grande guerra mundial, a afetividade é mostrada com expressões de austeridade, os casais não demonstram o afeto, nem entre si muito menos ainda com seus filhos, ou se o fazem é muito timidamente que demonstram o carinho ou sentimentos. A esposa e os filhos são desconsiderados, devendo ao chefe da família total obediência e submissão.

Da década de cinqüenta em diante o núcleo familiar, passando por vários abalos nas estruturas sociais, tem a afetividade demonstrada sem receios, no entanto, ainda presa a censuras e preconceitos, que aos poucos foram vencidos. A tônica das paixões novamente são expressas de modo direto, desnudas, quebrando as barreiras dos tabus e dos preconceitos. Novamente olhando pelo caleidoscópio do tempo, nas fotos do álbum de família, vemos nosso avô ou bisavô sentado com a mão apoiada a uma bengala, símbolo lizando a espada do poder e da autoridade. Ao lado a esposa, com a mão sobre seu ombro e seus filhos ao derredor. Todos com semblante fechado, ar austero, dando-nos a impressão

EDUCAÇÃO

que não sorriam, que não sabiam o que era a alegria e a descontração de um relacionamento familiar alegre. Talvez não o fosse, mas as histórias que vovô nos conta não condizem com a foto do álbum de família. Fala-nos vovô das brincadeiras e das peraltices das crianças, que não diferem das de hoje, conta-nos alguns discretos lances da vida afetiva do casal progenitor, enfim, travestidos da fisionomia austera, então nossos antepassados nos escondem relacionamentos afetivos, que não são atualmente razão de censura, quando demonstrado publicamente, muito no convívio familiar.

E hoje:

Por que razão, ainda, temos tanto receio de nos envolver afetivamente ou demonstrar afetividade?

Nós não precisamos uns dos outros?

E o tão esperado “enfim sós”, já passou?

E as juras dos “felizes para sempre”, onde es tão?

Como você diz “Eu te amo”?

Como você retribui “Eu te amo”?

O que você diz após ter ouvido “Eu te amo”?

O que estão fazendo, que não dizem mais: “Eu te amo”?

E nossos filhos, sabem que nós os amamos?

De que forma nós lhes expressamos nosso amor? Será que eles o percebem?

Nós lhe dedicamos atenção e permitimo-lhes que passem algum tempo conosco?

Somos realmente amigos de nossos filhos?

Inegavelmente nós precisamos uns dos outros. Fazemos parte ativa de tantos relacionamentos afetivos e tão pouco tempo dedicamos ao exame do que falamos e das nossas atitudes, do modo que atingem afetivamente aqueles com quem nos relacionamos.

A nossa saúde, o nosso papel na sociedade e na família estão diretamente ligados aos nossos relacionamentos afetivos.

A comunicação, arte e ciência de falar, de dizer o que sentimos e pretendemos com clareza, e de ouvir e de realmente deixar certo que estamos ouvindo é base do relacionamento afetivo.

Se fizermos o seguinte teste: Procurarmos as pessoas que mais respeitamos, amamos e valorizamos para lhes dizer que “nós a amamos e verdadeiramente a apreciamos”, muitos de nós se sentirão desajeitados, com a língua presa e até mesmo embaraçados a expressar seu amor. Isto se deve, provavelmente, por ouvirmos tão pouco a voz do amor e por nos ouvirmos falar, menos ainda, de nosso amor pelos outros.

Expressamos nossa afetividade num olhar, num aperto de mãos, num sorriso, num afago, no abraço, com gestos e atitudes fisionômicas, que e quase sempre falam mais alto que as palavras. Falar o que sentimos é maravilhoso, mas fazer o que sentimos é divino. Lembremo-nos do provérbio popular de “quem fala o que quer ouve o que não quer!” e dos ensinamentos de Jesus “não façais aos outros aquilo que não gostaríeis que a vós fosse feito”, a fim de sempre procurarmos expressar os nossos melhores e mais altos sentimentos.

Vale a pena também não esquecer que:

Sermos atenciosos. Mandarmos flores, em especial as que cultivamos. Fazermos a “comidinha” favorita (a esposa para o marido e o marido para esposa e da mesma forma para filhos). Lembrarmos dos aniversários. Criarmos nossos momentos de lazer em família e nossos “dia dos namorados”, para o casal, não esperando o dia comercialmente convencionado, são temperos da afetividade.

Pontos importantes:

— Diga-me sempre que me ama com suas palavras, suas atitudes e seus gestos. Não fique presumindo que eu já saiba disto, este alimento é o remédio que mantém a saúde de nossas almas.

— Elogios por trabalhos bem feitos, apoio nas falhas ou dificuldades, estimulam o crescimento da auto-estima e da confiança.

— Expressarmos os nossos sentimentos e pensamentos de alegria e os compartilharmos, reforça nossa amizade e simpatia.

— Nos momentos de solidão e de tristeza permitir que lhe conforte, isto nos dá a segurança de que temos força para amparar e acolher.

— Nos toques, nos abraços, nos afagos, nos

carinhos nós nos revitalizamos, permutamos nossas energias salutares.

— O respeito aos momentos de privacidade, de recolhimento espiritual e de silêncio que devemos um ao outro.

— Reforçar o bem pode valer mais que simplesmente corrigir o mal.

— Crescermos juntos, constantemente.

— Relacionamentos duradouros são cultivados com cuidado e devotamento.

— Não forçar ninguém a fazer nada por você “em nome do amor”.

— As experiências difíceis endurecem seu coração. Racionalizar os revezes da vida, estarmos vigilantes é fundamental, mas não nos esquecendo de que os temperos do coração tornam a vida mais agradável.

— Ninguém cresce na sombra.

— A “loucura” que há dentro de nós, é bom não perdermos contato com ela. Isso, com uma dose de cuidado, garantirá que nosso relacionamento afetivo não caia no tédio.

— As idéias obsessivas do ciúme, da mágoa, do rancor como a raiva, a tristeza, e o medo nos afastam do amor.

— Conversar todos os dias evita que nos tornemos estranhos uns aos outros.

— Vale a pena investir na compreensão, no carinho e no entendimento. Divórcio, brigas e separações não resolvem os problemas.

— Discutir, esgotar o assunto, encontrar as soluções e estabelecer entendimentos é participar. As pessoas que não discutem às vezes são as que não estão dando a mínima importância ou já se desinteressaram pela outra. Não ter medo dos desacordos e das discussões.

— Aprender a ser flexível é melhor do que quebrar-se.

— Nunca é demais lembrarmos dos direitos e deveres recíprocos: da privacidade, de ter opinião própria, de ser levado a sério, de ter o próprio gosto e de ser tratado com respeito.

— Com relação aos filhos: Os pais têm o direito de ser tratados como gente, de estabelecer

limites, de fazer respeitar suas regras, e de fazer sugestões. Os filhos da mesma forma têm o direito de ter atenção e tempo dos pais.

— Estamos encarnados e, portanto, adequadamente dotados de meios para desenvolver diversas faculdades dentre as quais estão: as de sentir, onde usando arsenal dos órgãos dos sentidos nos relacionarmos com afeto, com carinho, com abraços, com carícia e beijos, com isso educamos e desenvolvemos nossos sentidos e com isso nos aproximamos; as de ter e desenvolver os bons sentimentos, onde com o exercício da amizade, da solidariedade, da fraternidade ampliamos os momentos de felicidade e nos dispomos a atos de devotamento e abnegação que são exercícios do sentimento do amor. Vale a pena educar e exercitar nossos pensamentos e sentimentos! Em cada período da vida de nossa encarnação, ressalta e prevalece uma dessas faculdades sobre as outras, mas todas estão presentes e aguardando que as coloquemos em prática. Em todos nossos momentos, onde quer que nos encontremos, com quem quer que estejamos, sempre há uma oportunidade de exercitarmos os sentimentos mais nobres e elevados de nossa afetividade, e é para isso que aqui nos encontramos. Vamos lá.

O tempo urge. A dor aperta. O sofrimento nos tira da inércia. Chega de sofrer, caminhemos para o amor. Estão no exercício da afetividade edificante do relacionamento familiar as chaves da nossa felicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Bettelheim, B. **UMA VIDA PARA SEU FILHO**. (trad. Sardinha, M.) Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1988.

Buscaglia, L. **AMANDO UNS AOS OUTROS**. Rio de Janeiro, Ed. Record.

Kardec, A. **A INFÂNCIA**, Revista Espírita (trad. Abreu Filho, J.) Vol. II. São Paulo, Edicel, 1964, pp. 51-53.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS — Rio de Janeiro. FEB.

Pergs. 201, 291, 60, 695, 208, 205, 358, 701, 698, 699, 166.

Xavier, F.C. (Emmanuel). **VIDA E SEXO**. Rio de Janeiro. FEB. Caps. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16.

Weil, P. **RELAÇÕES HUMANAS NA FAMÍLIA E NO TRABALHO**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1971.

FONTE

A FAMÍLIA, O ESPÍRITO E O TEMPO, Autores Diversos, ed. USE